

**Mensagem de Audrey Azoulay,  
Diretora-Geral da UNESCO,  
por ocasião do Dia Internacional da Mulher**

**8 de março de 2021**

Este dia 8 de março de 2021 deve ser, mais do que nunca, um dia de unidade e mobilização, pois a pandemia exacerba todas as clivagens do nosso mundo - em particular as desigualdades de género.

As desigualdades na educação foram as primeiras a agravar-se, com 767 milhões de mulheres e raparigas que se viram privadas das suas aulas no auge da pandemia. Atualmente, para além dos 132 milhões de raparigas que já não estavam escolarizadas antes da crise, 11 milhões podem nunca mais regressar à escola.

As vulnerabilidades socioeconómicas também estão a aumentar drasticamente. De acordo com um estudo recente da OIT, a perda de empregos a nível mundial afetou 5 % das mulheres, em comparação com 3,9 % dos homens.

A perda da independência financeira também aumentou a exposição das mulheres à violência e à discriminação. Por exemplo, de acordo com dados da ONU, cada trimestre de confinamento provoca mais 15 milhões de casos de violência baseada no género e, na próxima década, haverá dois milhões de mutilações genitais femininas que poderiam ter sido evitadas<sup>1</sup>.

As mulheres jornalistas e artistas também não foram poupadas na sua prática profissional, conforme demonstrado por um inquérito realizado pela UNESCO, o Centro Internacional de Jornalistas e Freemuse.

Por este motivo, neste dia 8 de março, devemos todos mobilizar-nos, tanto mulheres como homens, para levar avante a tocha da igualdade.

---

<sup>1</sup> Estudo UNFPA, abril de 2020.

A UNESCO, que fez da igualdade de género uma prioridade global, envidou esforços para garantir que tal fosse conseguido ao longo da crise.

Para apoiar o regresso das raparigas à escola, lançámos, por exemplo, juntamente com a Coligação Mundial para a Educação, a campanha "Girls back to school", e publicámos um Guia de Boas Práticas, que foi divulgado em mais de 50 países da União Africana.

Também demos voz às mulheres, artistas, cientistas, jornalistas, cidadãs, por exemplo, na edição especial do Correio da UNESCO "A Whole New World, Reimagined by Women".

De facto, as mulheres devem ser agentes de mudança.

Todavia, muito poucas têm essa oportunidade. Como mostra o Relatório da UNESCO sobre a Ciência, as mulheres representam apenas 33% dos investigadores em todo o mundo. No entanto, dão um contributo decisivo para a ciência, como Katalin Karikó, que tornou possível os recentes avanços no âmbito do RNA mensageiro.

Esta sub-representação pode ser observada tanto em laboratórios como em círculos de poder: apenas 20 mulheres são Chefes de Estado ou de Governo de acordo com a UN-Mulheres.

Face a estas injustiças persistentes, face a esta "vergonha do século XXI", é chegado o momento de nos unirmos, como afirmou António Guterres, Secretário-Geral das Nações Unidas.

A UNESCO trabalha nas áreas abrangidas pelo seu mandato para apoiar o direito das mulheres à educação, para promover a ascensão de artistas, jornalistas ou investigadoras, mas também para incentivar o envolvimento dos homens nesta causa.

Pois, para derrubar preconceitos e estereótipos, é sobretudo no espírito das pessoas que devem ser erguidos os baluartes da igualdade.